

APOSTILA ANDANDO PELO RIO DE METRÔ 1 – LARGO DO  
MACHADO/CINELÂNDIA/PRAÇA DA REPÚBLICA  
LARGO DO MACHADO - RESUMO HISTÓRICO

No século XVI, os terrenos onde hoje se situa o Largo do Machado eram alagadiços. Pudera, ali passava o rio Carioca, que descia pela encosta do Corcovado, sendo que, quando chegava na várzea, formava um delta donde partiam vários braços. Um deles margeava o Caá-teté (mato fechado, em tupi), rodeando o morro do Uruçu-mirim (Glória), morrendo na praia também dita Uruçu-mirim. Assim sendo, o que é hoje o morro da Glória e parte do Catete eram uma ilha, que em tempos remotos recebeu os cognomes de “Ilha da Carioca” ou “Ilhota”.

O Largo era esse delta, ao que consta, pantanoso e cheio de plantas espinhentas, provavelmente, manguezais. Próximo a ele, mais para o morro que depois se chamaria “da Viúva”, os portugueses ergueram em 1503 um entreposto para controlar a exploração de pau-brasil. Os tamoios, sempre desconfiados, apelidaram-no de “Carioca” (casa de branco), depois estendido ao rio, serra e povo. Essa casa ficava na altura da atual rua Cruz Lima.

Anos depois, em 1555, seria este o local escolhido pelo almirante Nicolau Durand de Villegaignon para levantar sua “Henriville”, a malfadada capital da “França Antártica”, sonho europeu gorado pela inexperiência francesa no contato com a terra e os ataques lusitanos chefiados por Estácio de Sá em 1565/7. Em 1565 Estácio incluiu o local como terras da cidade.

Seus primeiros moradores, logo em 1567, foram o Provedor da Fazenda Real Cristóvão Monteiro e sua esposa, Da. Marquesa Ferreira. Provavelmente residiam num ponto elevado, com certeza o morro “do Graça”, afastado dos pantanais e índios, onde fizeram casa, capela e moinho de cereais. Provavelmente abriram a primeira rua dali, o “Caminho das Laranjeiras”, ou “Campo das Laranjeiras”, com certeza plantadas pelo casal.

Em 1702 adquiriu grandes porções daqueles chãos o sesmeiro Antônio Vilela Machado, um cinquentão que nesse mesmo ano cagar-se-ia com Da. Maria da Conceição, uma menina de 12 anos, e que iria nos anos seguinte parir treze filhos. A lenda imputa o nome “Largo do Machado” por ali ter sido erguido um açougue com enorme machado à porta. Não há nenhum registro histórico de que tal estabelecimento tenha existido em qualquer época. Com grande probabilidade foi o Sr. Antônio Vilela Machado o “padrinho” do logradouro. Pelo menos é o único com registro histórico. Teve também o nome de “Campo das Pitangueiras”. Em 1869 batizaram-no de Praça Duque de Caxias, retornando à denominação colonial em 1949.

Por mais cem anos Catete, Flamengo e Laranjeiras foram ocupadas por pequenas chácaras e fazendolas, sem perder a aparência rural do primeiro século. Entretanto, em 1810, adquire residência próximo ao Largo a Rainha Da. Carlota Joaquina, na rua das Laranjeiras, mais ou menos onde hoje se situam as Lojas Americanas. A escolha não foi arbitrária. Em frente era a chácara de seu amante, o açoreano e Comendador José Fernando Carneiro Leão, futuro Presidente do Banco do Brasil e Visconde de Vila Nova de São José. Para se encontrarem, Fernando precisava apenas atravessar o rio Carioca, o que fazia sem dificuldades, pois era raso.

Em 1810, às expensas da Rainha, foi o Largo cordeado, ganhando as dimensões atuais. Em 1821, quando a Família Real deixa o Brasil, era o local já disputado pela nobreza, com belas residências à volta. Próximo a ele,

existiam duas pequenas capelas, ambas fundadas por Da. Carlota. Uma no “Caminho Novo de Botafogo”, atual rua Marquês de Abrantes, onde igualmente a Rainha possuía casa; outra, na rua das Laranjeiras, já citada.

Esta última acabou convertida em Igreja Matriz quando se criou a paróquia da Glória em 1840. Dois anos depois, era iniciada a construção de uma nova e bela igreja matriz em estilo neoclássico, projetada pelo Major de Engenheiros Júlio Frederico Köeler e Charles Philippe Garçon Riviére, inspirada em St. Martin Churc, de Londres, com detalhes tirados da “Madeleine”, de Paris. A pedra fundamental foi lançada pelo Imperador a 17 de julho de 1842. Ficou pronta em 1872, sendo a torre projetada pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, inaugurada em 1875. Já em 1912 ganhou os dois batistérios, que lhe roubaram a pureza estilística.

O Largo foi ajardinado em 1869 com figueiras e palmeiras reais pelo paisagista francês Auguste Marie François Glaziou, tendo colocado grades em volta e chafariz central, substituído em 1897 pela estátua eqüestre de Duque de Caxias, obra de Bernardelli, esta por sua vez removida em 1949 para a frente do Palácio Duque de Caxias, no Campo de Santana. Hoje lá está um chafariz de cimento e mármore, encimado pela bicentenária estátua da Virgem da Conceição, esta em mármore italiano, obra valorosíssima de Antônio Canoa, doada à arquidiocese do Rio pelo Vaticano em 1955.

O lado do Largo que ia em seguimento à rua do Catete foi em grande parte adquirido pelo americano Charles B. Greenough, que ali construiu a primeira estação de bondes da linha pela Zona Sul. A estação da “Botanical Garden Rail Road Company”, depois “Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico”, foi inaugurada em outubro de 1868 com a presença do Imperador D. Pedro II e ministros. Demolida em 1938, em seu lugar foi erguido um dos mais elegantes cinemas da cidade, o São Luiz, inspirado em casa similar na Broadway nova-iorquina. Pôsto abaixo nos anos setenta pelo Metrô, hoje em seu lugar está o centro comercial São Luiz, com dois cinemas modernos.

Ao seu lado, existiu desde a época do Império o lendário Café Lamas, freqüentado por seleta boemia, casa histórica que nunca fechava suas portas. Hoje, com mais de um século de existência, está na rua Marquês de Abrantes, igualmente sem fechar as 24 horas do dia.

O lado par do Largo foi dominado desde 1870 pela massa sólida de uma das primeiras escolas públicas da cidade, a antiga escola “José de Alencar”, erguida em estilo eclético sob projeto de Bethencourt da Silva por ordem do Imperador, com verbas obtidas por doações de particulares para erguimento de uma estátua eqüestre de D. Pedro II, homenagem recusada pelo modesto monarca, que deu à verba destino melhor, ordenando a ereção de quatro escolas públicas. Ao seu lado residiu o Visconde da Penha.

O lado ímpar era ocupado por belas residências, dentre elas a do Barão de São Francisco, Francisco José Pacheco Filho, bem como uma das casas do riquíssimo comendador português José Batista Martins de Souza Castelões, dono da Confeitaria Castelões, no Centro, uma das mais afamadas do Império. No século XX, foi esta casa demolida, subindo no local o prédio art-déco do Cine Politeama, hoje um supermercado.

Depois de passar por extensas transformações devido às obras do Metrô, ressurge o Largo do Machado como um grande centro de trocas sociais da Zona Sul, ponto de convergência de vários bairros.

## IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA - LARGO DO MACHADO

A freguesia de Nossa Senhora da Glória foi criada pelo Decreto da Assembléia-Geral no. 13, de 09 de agosto de 1834, e desmembrado na mesma data o seu território da de São José. A igreja Matriz, ereta no Largo do Machado, está sob a invocação da padroeira da paróquia. A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Glória foi fundada em 26 de janeiro de 1835, aceitando a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres como Matriz provisória. Esta capela pertencia a Antônio Joaquim Pereira Velasco, na rua das Laranjeiras. Em 04 de abril de 1835 foi comprada pela quantia de 5:187\$686, inclusive despesas de transmissão de propriedade, a capela de Antônio José de Castro, construída em 1720, próxima ao Largo do Machado e reconstruída em 1818, pela Rainha Carlota Joaquina. Nessa capela esteve a Matriz de 1835 a 1837, quando a mesma foi vendida ao Comendador José Batista Martins de Souza Castelões, que a demoliu e aí construiu uma bela residência (atual Rua das Laranjeiras, no. 09).

O terreno para a nova Matriz foi cedido por Domingos Carvalho de Sá, com frente para o Largo do Machado, entre a ruaS das Laranjeiras e Gago Coutinho (antiga Carvalho de Sá). Em 18 de julho de 1842 teve lugar a cerimônia da colocação da pedra fundamental da Matriz. O projeto geral do templo, em estilo neoclássico, bastante inspirado da Igreja da Madalena em Paris, foi elaborado pelos arquitetos Júlio Frederico Koeler e Charles Philippe Garçon Rivière.

Em 1844, os alicerces de madeira queimada estavam colocados, e começou-se então a obra pela capela-mór. A 27 de abril de 1851 o projeto foi alterado pela Mesa “para se corrigir os seus defeitos”. Dois anos depois, começava-se a obra da frente da igreja. A capela-mór já deveria estar pronta, pois em 1855, o escultor Honorato Manuel de Lima era contratado para a obra dos estuques artísticos da capela-mór. Deveria existir um primitivo altar-mór, tirado da velha capela, pois este é citado no ano seguinte, quando um irmão anônimo ofereceu a pia batismal e o douramento do nicho da padroeira no altar-mór. Em 12 de junho de 1864, passou a dirigir as obras o arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, que nesse ano orçou o madeiramento do templo e começou a assentar as colunas da fachada. Depois de uma curta interrupção dos trabalhos, as obras recomeçaram em 1865, sem interrupções. Nesse ano, em novembro, cuidavam-se dos capitéis de pedra das colunas da fachada. Em 1866 o templo foi finalmente coberto. Em 26 de maio de 1867, trabalhava-se já na base da torre sineira. Em 11 de agosto seguinte, terminam todas as obras das paredes. Passava-se agora à decoração interna.

Em 18 de novembro de 1868, foi aceita pela Mesa a proposta de Etienne Bernarchut Sobrinho para modificação do coro da igreja. No dia 08 de agosto de 1869 assinou-se contrato com o escultor Manoel Chaves Pinheiro para a execução do painel do arco-cruzeiro. A 22 de agosto do mesmo ano, a Mesa aprovou a maquete da decoração interna, de autoria de Chaves Pinheiro, para as obras do coro, o alargamento da porta principal, a construção de seis janelas na fachada, as obras da abóbada superior; cujo contrato de execução foi entregue ao arrematante Bernarchut Sobrinho. Tudo seria executado com material do país, à exceção do coro, feito com madeiras vindas da França. No mesmo contrato, acertou-se a fatura dos seis altares do templo com Antônio Jacy Monteiro. A 25 de outubro de 1870, Bernarchut Sobrinho arrematou as

obras do coro e tribunas. O escultor Antônio do Couto Vale arrematou a cantaria para a cimalha da fachada e empenas. O assentamento das pedras foi arrematado por Bernarchut Sobrinho. No mesmo ano foram colocados os capitéis dos pilares internos, por Salgueiro & Irmão. Foi comprado pela Mesa na França um lustre de 49 luzes, para a nave-mór e encomendados na Europa pisos, estátuas de mármore para os nichos do arco-cruzeiro e imagens para os altares. Pagou-se o entalhador Antônio Jacy Monteiro pela execução do altar-mór definitivo e dos cinco altares colaterais. Em 03 de setembro de 1871, a Mesa resolveu encomendar na França o emblema em pedra da ordem, para o frontispício, bem como a obra dos púlpitos. Ainda no mesmo ano chegou o lustre de cristal, mas não todas as imagens.

Terminadas as obras do templo, foi ele aberto aos fiéis no dia 28 de setembro de 1872. Só faltava agora terminar a torre sineira e alguns ornatos.

Já em 11 de maio de 1873, Manuel Antônio Lima e Manuel do Couto Valle arremataram a obra de construção da torre e cantaria. José Caetano de Paiva e Joaquim de Oliveira Soares arremataram a alvenaria e o barro da obra. O projeto da torre, foi elaborado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, e foi sujeito a muitas críticas, por destoar do estilo da composição. Em 23 de agosto de 1874, o escultor Blaz Crespo Garcia entregou a balaustrada em mármore da torre e seis estátuas com emblemas para a mesma. No ano seguinte, ela foi inaugurada. O relevo do tímpano da fachada foi executado pelo escultor espanhol Francisco Mutido. Anos depois, em 1912, foram construídos os dois pesados batistérios que ladeiam a fachada, delineados por Antônio Januzzi.

A fachada desta igreja, muito elegante, com seu peristilo jônico e o seu campanário central, é um curioso exemplo da influência tardia do “palladianismo” anglo-americano, que se manifestou no Rio na época do Império. Ela se assemelha às fachadas de, por exemplo, Sant-Martin`s in the Fields, em Trafalgar Square, Londres, ou a das igrejas paroquiais de Albany (Estado de Nova York), e Milford (Connecticut).

O primeiro vigário que teve a freguesia foi o Padre Joaquim de Melo Castelo Branco. Foi sucedido pelo Cônego Mariano Antônio de Velasco Molina, sob cujo vicariato foi concluído o templo.

O templo é tombado pela Municipalidade.

#### JÚLIO FREDERICO KOELER - DADOS BIOGRÁFICOS

Engenheiro, arquiteto, urbanista e militar. Nasceu em Mainz, Alemanha, em 1794, vindo ao Brasil em 1817, com a comitiva da Imperatriz Leopoldina. Incorporado ao exército como Major do Corpo de Engenheiros, foi afastado em 1831 após a renúncia de D. Pedro I, mas logo depois foi reintegrado. Era o principal responsável pela manutenção das estradas fluminenses, passando a maior parte do seu tempo a fazer-lhes projetos de melhorias. Como arquiteto, projetou em estilo neoclássico as Câmaras Municipais de Maricá e Macaé, hoje prefeitura em ambas as cidades (1835); Igreja da Glória, no Largo do Machado, projeto em associação com Charles Philippe Garçon Rivière (1842-47); Plano urbanístico de Valença (1833); Fazenda Serraria, em Levy Gasparian (atribuição, demolida); Fazenda Secretário, em Ferreiros, Vassouras (atribuição, 1830); Plano de Petrópolis (1843); Palácio Imperial de Petrópolis (1845-47); Catedral de São Pedro, Petrópolis (demolida, 1847-48). Koeler foi urbanista revolucionário, tendo projetado Petrópolis com um plano orgânico,

onde as ruas não se cruzavam ortogonalmente, em vez disso acompanhavam as curvas de nível, tirando partido da paisagem local e topografia acidentada. Preservou áreas verdes e praças para deleite da população e idealizou os rios como atrativos em vez de esgotos. As casas eram em centro de terreno, com jardins à volta. Como arquiteto, era adepto do neoclassicismo, que aplicou com mais elegância que pedantismo.

Faleceu em novembro de 1847, em consequência de um acidente de tiro.

#### ESCOLA AMARO CAVALCANTI - LARGO DO MACHADO

A antiga Escola Municipal José de Alencar, teve sua pedra fundamental colocada em 29 de dezembro de 1870 e inaugurada em 09 de abril de 1875. A sua construção deveu-se a uma subscrição popular com o fim de erguer uma estátua a D. Pedro II, que recusou a homenagem, preferindo com o dinheiro apurado que se construíssem escolas. Isto foi feito, surgindo as seguintes escolas: a acima referida; outra na Praça da Harmonia; uma terceira na Praça Onze de Junho; e uma última no Largo da Ajuda, onde hoje está o Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia.

O prédio do atual Largo do Machado, projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, com gnaisses da pedreira da Candelária e acabamentos nobres, depois de servir de abrigo a várias instituições de ensino, é atualmente ocupado pela Escola Amaro Cavalcanti, que para ali se transferiu em março de 1949. Durante muitos anos, ali também funcionou a Faculdade de Ciências Econômicas do Distrito Federal, ali estabelecida de 1958 a 1969.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

#### FRANCISCO JOAQUIM BETHENCOURT DA SILVA - DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, urbanista e professor, nasceu à bordo do navio Novo Comerciante, a 08 de maio de 1831, em pleno oceano, de pais portugueses. Em 1843 matriculou-se na Academia Imperial de Belas Artes, tendo sido aluno de Grandjean de Montigny. Em 1851 foi escolhido em concurso público para o cargo de arquiteto da Câmara Municipal, tendo sido nomeado ano seguinte, ali permanecendo até 1859. Neste período, construiu, dentre muitas obras hoje demolidas: uma coluna e chafariz no Largo Municipal, no Valongo, inaugurados em 1872; arruamento e loteamento dos terrenos da Cidade Nova, do Campo de Santana até São Cristóvão; alargamento da rua do Cano, cujo nome foi mudado para Sete de Setembro (1856-57); Cemitério de São João Batista, Pórtico e Capela, em Botafogo (1854); Colégio D. Pedro II, no Centro (1858); e outros.

Sentindo a carência de mão de obra especializada para as obras de categoria da cidade, fundou em 1856 a Sociedade Propagadora das Belas Artes e, em 1858, o Liceu de Artes e Ofícios, dos quais ambos foi diretor e professor até a morte, formando centenas de profissionais em artes menores necessários às muitas obras que realizava. Dentre elas, merece-se citar: Caixa Econômica, na rua Dom Manuel, Centro (1861); Escola Pública no Largo do Machado, hoje Escola Amaro Cavalcanti (1871); Igreja de São João Batista, na rua Voluntários da Pátria (1871-77); Projeto do Bairro de Vila Isabel (1871-72); Torre da Igreja da Glória, no Largo do Machado (1872-1875); Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamim Constant, na Urca (1872-1908); Asilo

de Órfãos da Santa Casa, hoje Colégio Anglo Americano, na rua General Severiano, em Botafogo (1875); Asilo da Mendicidade, hoje Hospital São Francisco de Assis, na Cidade Nova (1876-77); torres da Igreja do Santíssimo Sacramento, na av. Passos (1877); Praça do Comércio, hoje Centro Cultural do Banco do Brasil (1878-1906); Adaptação do Palácio de São Cristóvão para sediar a Assembléia Constituinte (1890-91); Prédio novo do Liceu de Artes e Ofícios, na av. Central, hoje demolido (1903-10); e muitas residências e prédios menores, espalhados pelos quatro cantos da cidade. Trabalhou muito para a Santa Casa de Misericórdia. Foi, talvez, o primeiro a admirar o Marxismo no Brasil. Seus projetos, de um refinado neoclássico, abriram caminho para a penetração do ecletismo na arquitetura brasileira.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 06 de setembro de 1911.

#### PRAÇA FLORIANO (CINELÂNDIA)

O "Largo da Mãe do Bispo" ganhou em 1910 o monumento ao Marechal Floriano Peixoto, segundo Presidente da República, obra do escultor Eduardo de Sá. Passou a praça a ser oficialmente batizada como "Marechal Floriano". Não é o único monumento no local. Existem também os de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Paulo de Frontin, Francisco Serrador e Carlos Gomes. Isso sem contar o "Obelisco", inaugurado em 1905 no final da Avenida Central (oferta do eng. Antônio Januzzi), bem como o chafariz francês de Henry Savageau, comprado por D. Pedro II em 1876 e que já perambulou pelas Praças XV de Novembro e Bandeira, pousando em 1977 na Praça Mahatma Gandhi, onde existiu até o ano anterior o Palácio Monroe, burramente demolido. Na mesma praça está o monumento ao Mahatma Gandhi, inaugurado em 1949 homenageando o pacifista indiano assassinado dois anos antes.

O Palácio do Museu de Belas Artes foi inaugurado em 1908, projeto do arquiteto espanhol Adolfo Morales de Los Rios, inspirado na ala "Visconti" do Museu do Louvre. Originalmente abrigava a Escola Nacional de Belas Artes, herdeira da "Real Academia de Artes e Ofícios", fundada por D. João em 1816 com os artistas oriundos da Missão Artística Francesa. Em 1937 o Presidente Getúlio Vargas criou o Museu de Belas Artes, que, na década de setenta, ocupou todo o prédio, haja vista a escola ter sido transferida para a Ilha do Fundão. É o quinto museu do mundo em número de peças, com 15.000 obras que vão da Idade Média aos nossos dias, especialmente as da escola acadêmica brasileira.

O Palácio em estilo eclético da Biblioteca Nacional foi inaugurado em 1910, projeto de Souza Aguiar, inspirado na Escola Militar de Paris. Foi levantado para abrigar a Biblioteca Nacional, herdeira da "Real Biblioteca", fundada em 1810 nos fundos do Convento do Carmo por D. João. É a oitava maior biblioteca do mundo, com sete milhões de volumes, fora incunábulo, manuscritos e documentos avulsos.

O edifício do antigo Supremo Tribunal Federal foi levantado em 1910 por Morales de Los Rios para ser "Palácio Episcopal". Nunca o foi, haja vista o Cardeal D. Joaquim Arcoverde haver construído em 1912 um edifício próprio na Glória, também projetado por Morales de Los Rios. Foi ocupado pelo STF até 1960 e pela Justiça Federal até 1995, estando prevista sua adaptação para ser transformado em breve no centro cultural da justiça.

## PALÁCIO PEDRO ERNESTO

Desde 1896 o Conselho de Intendência Municipal ocupava o velho palacete da Escola Pública da Freguesia de São José, no Largo da Mãe do Bispo, exatamente onde hoje se ergue o Palácio Pedro Ernesto. O palacete, de belas proporções e em estilo neogótico manuelino, fôra reformado várias vezes, mas já em 1910 mostrava-se apequenado para abrigar os vinte e quatro intendentes municipais e seus quarenta e dois funcionários.

Ano seguinte, após concurso público de projetos, sagrou-se vitorioso o arquiteto Heitor de Mello (1882 - 1920), com os desenhos do atual prédio. Mello, aliás, tinha idéias grandiosas, pois tencionava situar na Praça Marechal Floriano o Congresso Nacional, em palácio bem parecido ao do congresso norte americano, em Washington, do qual o nosso edifício do Palácio Pedro Ernesto seria apenas um modesto apêndice!

Se tal idéia tivesse vingado, a avenida Rio Branco terminaria no enorme edifício cupulado, que lhe seria transversal, à semelhança do que ocorre na avenida de Maio, em Buenos Aires.

As más condições econômicas pelas quais o país atravessava, quando da presidência do Marechal Hermes da Fonseca (1910 - 1914), e as dificuldades encontradas na administração seguinte do presidente Wenceslau Brás (1914 - 1918), resultantes da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1919), irão acabar engavetando definitivamente a grandiosa idéia, à exceção da sede da Intendência, desengavetada em 1918. Aproveitou então Heitor de Mello para aprimorar alguns detalhes de seu projeto, tornando-o mais harmonioso.

No início da legislatura de 1919, a Mesa Diretora ordenou a transferência dos Intendentes para o edifício do Liceu de Artes e Ofícios, na avenida Rio Branco, demolindo-se, então, a sede velha. No ano seguinte, a União, no Governo Epitácio Pessoa, iniciou-se a construção da sede nova, mas não se pôde contar com a ajuda de Heitor de Mello, precocemente falecido.

Na segunda década do século, ainda perdurava um tipo de arquitetura inspirada em moldes do passado. O ecletismo dominava nas artes e o escritório técnico mais refinado nesse estilo era o de Heitor de Mello, responsável por algumas das mais belas construções do Rio antigo, ressaltando-se os antigos Jóquei e Derby Clube, na avenida Rio Branco, demolidos nos anos setenta e o próprio Palácio Pedro Ernesto, considerado por todos sua melhor obra. Fiscalizou e adaptou o projeto em suas modificações mais necessárias seu dileto discípulo, o arquiteto e professor da Escola Nacional de Belas Artes Archimedes Memória (1893 - 1960), autor, dentre outros projetos, do Palácio Tiradentes, sede da Câmara de Deputados, e das instalações do Jóquei Clube, na Gávea. Memória foi o descendente espiritual da influência francesa em nossa arquitetura oficial, se bem que o Pedro Ernesto tenha sido sua primeira grande obra, saiu-se bem e pode-se considerar como um de seus méritos o de ter sempre que possível haver respeitado o desenho de Mello. Aliás, depois dali, Memória acabaria dois anos depois por aderir ao novo estilo neocolonial, do qual foi ardoroso defensor, tendo, inclusive, influenciado seu discípulo, o arquiteto Lúcio Costa em seus primeiros anos.

Foi o desenhista da obra o pintor e aquarelista alemão Benno Treidler, autor das primorosas plantas, verdadeiras obras de arte, das quais sobrevive uma fachada, exposta na sala do Cerimonial. O construtor do Palácio foi o renomado Comendador italiano Antônio Januzzi (1853 - 1949), emigrado para

o Brasil em 1873, e desde 1875 dono da maior construtora da cidade, no Morro da Viúva, no Flamengo, e que erguera os vinte principais palacetes na própria avenida Rio Branco e centenas de outros pela cidade. Januzzi, que era especialista em acabamentos refinados, não media esforços para atingir a perfeição, tendo sido ele próprio renomado arquiteto e benfeitor da Cidade do Rio de Janeiro, onde doou à municipalidade o obelisco da avenida Rio Branco e projetos para inúmeras igrejas e associações de caridade da cidade, das quais nunca cobrou nada delas. O Palácio Pedro Ernesto seria, por sua vez, sua última grande obra, haja vista a cegueira que o acometeu em seus últimos anos de vida. Januzzi não poupou despesas, mandando vir mármore de Portugal, Bélgica, Itália, Egito e Argentina, tendo utilizado também, sempre que a situação o permitiu, o gnaisse facoidal do Morro da Viúva, vulgarmente conhecido como “pedra-de-galho”. Com tantos materiais nobres, fora obras de arte encomendadas aos maiores artistas do país, Januzzi mandou importar operários e canteiros especializados, estourando o orçamento, que atingiu somas astronômicas.

Frustrando as previsões que estimavam aprontá-lo para as festas do centenário da Independência do Brasil, em 1922, as obras só terminaram em meados do ano seguinte, na gestão do Presidente Arthur Bernardes, que o inaugurou ainda faltando alguns acabamentos a 23 de julho de 1923, a um custo divulgado de 16 mil contos de réis, bastante discutido e ironizado pela imprensa, o que fez com que a população galhofeiramente o batizasse de “Gaiola de Ouro”, clara referência aos gastos efetuados, a cor do edifício e à colunata da fachada.

Que apelido então lhe dariam se soubessem que o custo total ficou em verdade para mais de vinte e três mil contos de réis, sete mil contos além do divulgado!

Em compensação, tínhamos a mais bela sede do poder legislativo nas Américas, sem rival, não havendo palácios oficiais que o iguallassem em harmonia, beleza e arte. Ornado com pinturas de Helios Seelinger, Augusto Rodrigues Duarte, Pedro Aurélio de Figueiredo e Melo, Eduardo de Sá, Pedro José Pinto Peres, Manuel da Cunha, Décio Vilares, E. Novak, João Timóteo, Rodolpho Amoêdo, Lucílio de Albuquerque, Carlos Oswald, Francisco de Paula, Eliseu D`Angelo Visconti, Carlos e Rodolpho Chambelland, Gustavo Dall`Ara, Oscar Pereira da Silva, bem como obras dos escultores Tito Bernucci, Petrus Verdier, Francisco Andrade, Almeida Reis, Corrêa Lima, Pinto dos Santos, Honório Peçanha, e dos franceses G. Polin e Barye, mobiliário que vai dos tempos coloniais abrangendo os estilos D. José I, Luís XV, Regência e Ecletismo, porcelanas inglesas, francesas e de Sévres, objetos artísticos diversos, vitrais fabulosos, ricas serralherias, afrescos de valor, raros acabamentos que tornaram o Palácio Pedro Ernesto num dos mais belos repositórios da arte brasileira nos últimos duzentos anos, só superado pelo gigantesco acervo do Museu Nacional de Belas Artes, que lhe é fronteiro.

O Palácio Pedro Ernesto é tombado pela Municipalidade.

#### PEDRO ERNESTO DO REGO BATISTA - DADOS BIOGRÁFICOS

Médico e político, nasceu no Recife em 1886. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tomou parte ativa nos movimentos “Tenentistas” de 05 de julho de 1922 e 1924, bem como na Revolução de 1930, sendo um dos fundadores e chefes civis do Clube 03 de Outubro. No ano

seguinte ao da Revolução, foi nomeado por Getúlio Vargas prefeito do então Distrito Federal. Em sua polêmica gestão, construiu numerosas escolas, empreendeu obras de saneamento, reequipou e ampliou a rede hospitalar, construindo novos hospitais como o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas, o Miguel Couto e o que receberia seu nome, a cuja inauguração não chegou a assistir. Foi o primeiro prefeito a subir uma favela no Rio, tendo legalizado as “escolas de samba”, cujo primeiro desfile oficial fez realizar na Praça XI de Junho (1933). Granjeou fama ao ter cuidado com sucesso de grave ferimento sofrido pela primeira-dama, Da. Darcy Vargas, que se acidentou em 1933 na estrada Rio-Petrópolis, tendo quase perdido a perna, salva por Pedro Ernesto, que contrariou todos os pareceres médicos da época. Fundou e liderou o Partido Autonomista, que preconizava a autonomia do Distrito Federal, do qual foi o primeiro prefeito eleito, no pleito de 1934. Acusado de ligações com grupos políticos de extrema esquerda, e de participação na Intentona Comunista de novembro de 1935, foi cassado e preso no mesmo ano, conseguindo-se provar com facilidade sua inocência dessas acusações. Dois anos depois, filiou-se à UDN, apoiando a candidatura de Armando de Salles Oliveira à Presidência da República. Em 10 de novembro de 1937, com a promulgação da ditadura do Estado Novo, teve os direitos políticos novamente cassados e foi preso mais uma vez, sendo logo libertado.

Retirou-se então à vida privada, tendo falecido no Rio de Janeiro em 1942.

#### CAMPO DE SANTANA - PRAÇA DA REPÚBLICA

Até 1753, a região onde hoje existe o Campo de Santana era simplesmente chamado de Campo da Cidade. Em 1753, quando foi inaugurada a capelinha dedicada à Santana, exatamente onde hoje se ergue o majestoso prédio da Central do Brasil, essa área foi batizada pela santa. Se o nome sobreviveu até hoje, a capela, por sua vez, durou pouco mais de cem anos, haja vista ter sido demolida em 1854 para construção em seu local da primeira estação ferroviária urbana do Brasil, a D. Pedro II, inaugurada em 1858. Hoje ali está o belo prédio art-déco da Central do Brasil, inaugurada em 1941 por Getúlio Vargas. No ano de 1790, o Vice Rei Conde de Rezende, D. José Luís de Castro, mandou a Câmara arruar o campo e loteá-lo, haja vista a crescente expansão da cidade para aquelas plagas. Ganhou então as dimensões atuais. Como a área era pantanosa, estimulou o Vice-Rei para que a população jogasse entulhos no local. Depois de algum tempo, no entanto, acabou virando sim um sumidouro de esgoto, estado que permaneceu até a chegada do Príncipe Regente em 1808.

Com a Côrte, a cidade logo se expandiu de seus acanhados limites que mal chegavam ao Largo do Rocio Grande (Praça Tiradentes), sendo o campo ocupado por chácaras. Em 1810, D. João criou a Cidade Nova, que ia do Campo de Santana até São Cristóvão, com ruas cordeadas para a nobreza. Dois anos antes, no entanto, D. João ordenara a construção de um quartel para tropas no lado direito do campo, onde até então existira um templete para a “Coroação do Imperador” nas festas do Divino Espírito Santo, em maio. Inaugurado também em 1810, à partir dessa data ficava assim definido o logradouro como campo de manobras de militares, proibindo-se desde então o despejo de esgotos.

Vindo ainda da segunda metade do século XVIII, existia também, nas proximidades do campo, a capelinha colonial de São Gonçalo Garcia e São Jorge, êste último da devoção especial dos militares que ali serviam. Centro de peregrinação religiosa com duas capelas e espetáculos marciais com as tropas do quartel, o campo teve sua primeira grande residência particular na casa de Anacleto Elias da Fonseca, comerciante da praça do Rio de Janeiro, que a erguera por volta de 1800 para uma sua amante, uma mulata de péssima reputação. Em 1808, depois de terminado o romance, foi esta casa alugada ao último Vice-Rei do Brasil, D. Marcos de Noronha e Brito, 8º. Conde dos Arcos. Posteriormente foi a tal casa adquirida por comerciantes baianos e ofertada ao Conde, que nela residiu até 1821. Adquirida pelo Estado, sediou o Senado do Império de 1825 até 1889 e no período republicano continuou como tal até 1925. Hoje, desde 1945, nela está sediada a Faculdade Nacional de Direito, órgão educativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Chamado sempre de Campo de Santana desde o século XVIII. Em 1817, mudou de nome quando nele foi montada uma arquibancada para touradas, executadas em comemoração ao casamento do Príncipe D. Pedro com a Arquiduquesa da Áustria, Da. Maria Carolina Leopoldina, ocorrido em novembro daquele ano. Passou a ser conhecido como “Praça dos Curros”. Depois dos eventos decorrentes do dia do “Fico”, em 09 de janeiro de 1822, quando o Príncipe D. Pedro conclamou à população do Rio, ali reunida às pressas no campo para que o defendessem dos soldados portugueses comandados pelo General Jorge de Avilez, que queriam embarcá-lo à força para Portugal, coisa que não se deu graças à tenacidade do povo carioca, passou o logradouro a ser denominado de “Campo da Honra”. No dia 12 de outubro de 1822, D. Pedro I foi nele aclamado Imperador do Brasil pela população ali reunida, do alto de um palacete especialmente construído no campo para tal. Passaram então a chamá-lo de “Campo da Aclamação”. Após os eventos do dia 15 de novembro de 1889, ocorridos no Quartel General do Exército, em seus limites, passou o campo oficialmente a denominar-se “Praça da República”. Em épocas mais recentes, ganhou o velho logradouro o efêmero nome de “Parque Júlio Furtado”, que foi substituído em 1955 por “Praça da República”. Hoje em dia é igualmente chamado de Campo de Santana e Praça da República, conforme a época e o evento ali realizado.

O campo inicialmente não possuía arborização. Em 1810, ganhou um chafariz que era muito utilizado para lavarem roupa, daí o apelido que recebeu de “chafariz das lavadeiras”. Nesse mesmo ano foi feita uma primeira arborização de caráter particular, no lado esquerdo do campo, pelo intendente geral de polícia Paulo Fernandes Viana. Esse jardim, de alamedas retilíneas, que pelas gravuras era muito interessante, foi destruído por ordem de D. Pedro em abril de 1821, haja vista a animosidade que o jovem príncipe movia contra o intendente de polícia da Côrte, que denunciara a seu pai muitos desatinos do travesso D. Pedro. Paulo Fernandes, ao saber da destruição de seu amado jardim, teve uma síncope e morreu de imediato.

Em 1873, sendo Presidente da Câmara o Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, foi aprovado um projeto de arborização do Campo de Santana. Contratou-se o paisagista francês Auguste Marie François Glaziou, que executou um elegante parque arborizado em estilo inglês, com árvores nativas e estrangeiras, inaugurado solenemente por D. Pedro II, com a presença de diversas autoridades em 1880. Ornado com lagos, repuxos,

estátuas e obras de arte, ainda sobrevive, salvo 1.800m<sup>2</sup> perdidos em 1942, quando da abertura da avenida Presidente Vargas.

Entrando pela rua Visconde do Rio Branco, antiga Rua do Conde da Cunha e Conde D`Eu, aberta ainda no terceiro quartel do século XVIII, vê-se, logo à direita, na esquina, a bela delegacia de polícia construída no princípio do século XX em estilo eclético. Ao seu lado, o enorme edifício que foi a casa do Barão de Ubá, onde em meados do século XIX se instalou o Museu Nacional, fundado por D. João em 1818 e muito ampliado por D. Pedro I e D. Pedro II. Em 1896 foi transferido para o antigo Palácio Imperial de São Cristóvão, onde ainda se encontra. Para o velho edifício do Campo de Santana foi então destinado o Arquivo Nacional, fundado por D. Pedro II em 1838 e desde fins da década de 1980 funcionando no prédio da antiga "Casa da Moeda", do outro lado do campo.

Seguindo-se em frente, vê-se à esquerda o enorme palacete eclético do Quartel do Corpo de Bombeiros, ali estabelecido desde 1864, sendo que o edifício atual foi erguido de 1898 a 1908 sob projeto do Coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar. Mais adiante, a entrada da rua Frei Caneca, antiga rua das "Boas Pernas", haja vista que era um areal fofo de difícil circulação, exigindo boas pernas dos pedestres para atravessá-lo. Logo na esquina fica o sobradão eclético da antiga "Gafieira Elite", instituição popular de danças que remonta ao princípio do século XX e hoje uma das mais tradicionais casas de diversão da cidade.

Dobrando-se à direita, passa-se pelo moderno edifício do Hospital Souza Aguiar, inaugurado em 1909 pelo mesmo Coronel Souza Aguiar que projetou o Corpo de Bombeiros, então Prefeito do Distrito Federal (1906-09). O prédio atual foi construído em 1963, pelo Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda. Logo após o hospital, ainda está de pé o belo palacete eclético do antigo Tribunal Militar, ainda ocupado por repartições daquele órgão. Passando o Largo do Caco, que é uma contração de "Centro Acadêmico Cândido de Oliveira", está o prédio neoclássico da Faculdade Nacional de Direito, antigo Solar do Conde dos Arcos. Colado à ele está o feio prédio art-déco de 1935 da Rádio Mayrink Veiga. Logo depois está um dos maiores palácios neoclássicos do Rio de Janeiro. O bonito prédio da antiga Casa da Moeda, inaugurada em 1861 com uma exposição nacional, sob projeto do engenheiro Theodoro de Oliveira. Quando a Casa da Moeda foi para o Parque Industrial de Santa Cruz, em 1970, o prédio foi deixado cair em ruínas, até ser convertido em sede do Arquivo Nacional, que o está restaurando, aos poucos. Segue-se a ela a pequenina casa colonial onde morou em 1889 o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, que dela saiu a 15 de novembro para derrubar o Ministério Ouro Preto, terminando por proclamar a República, um pouco à contragosto de seu instituidor, que confessava a amigos abertamente ter sido monarquista até aquela manhã. Após a morte de seu ilustre morador, em 1895, foi a casa adquirida pelo Governo, que, depois de ter-lhe dado diversas finalidades, deixou-a cair em ruínas. Em 1968 foi reconstruída e hoje está incorporada aos bens do Museu Histórico do Exército, tendo o nome oficial de "Casa de Deodoro".

Quando se abriu a avenida Presidente Vargas, em 1942/44, foi removido para o interior do campo o monumento ao Coronel Benjamim Constant, prócer da República e seu mentor principal. Demoliu-se também na mesma ocasião o antigo edifício da prefeitura, construção da época do Império e que sediou a

Ilustríssima Câmara de Vereadores desde 1825(foi sua 13ª. sede). Em 1892 nele se instalou o primeiro prefeito do Rio, Cândido Barata Ribeiro (logo, foi a primeira prefeitura). Hoje no local passa a avenida Presidente Vargas. Na esquina desta com o campo, está o prédio moderno da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, instituição exemplar com fartíssima coleção de livros sobre a cidade e o Estado do Rio de Janeiro. Suas modernas instalações foram projetadas pelo arquiteto Glauco Campello. Ao seu lado, fazendo vigoroso contraste, a delicada igrejinha de São Gonçalo Garcia e São Jorge, este último santo adorado também pelos praticantes de religiões afro-brasileiras.

Campo de Santana ou Praça da República, nomes utilizados indistintamente pelos freqüentadores, é uma fronteira geográfica entre o centro da cidade e a cidade nova. Tornou-se, ao longo dos séculos, um grande marco cívico de nossa urbe, onde todas as tradições mais diversas encontram-se sem conflitos, como um lugar onde as crenças, credos e fé antes se completam.

#### AUGUSTE MARIE FRANÇOIS GLAZIOU - DADOS BIOGRÁFICOS

Paisagista, urbanista e arquiteto. Nasceu na França a 30 de agosto de 1833. Em 1856, veio ao Brasil contratado pelo tabelião Francisco José Fialho, a mando do Governo Imperial, para remodelar o Passeio Público de Mestre Valentim, reforma inaugurada em 1860. Agradou tanto o Imperador que lhe choveram desde então encomendas oficiais: arborização da Quinta da Boa Vista (1860-65); jardins do Palácio Imperial, Petrópolis (1860, alterado); jardins do Palácio do Catete (1862, alterado); arborização do Largo do Machado (1869); jardim do Largo de São Francisco (1870, destruído); idem, do Campo de Santana (1873-80); remodelação da Floresta da Tijuca (1874-97); palmeiras do Canal do Mangue (1875); arborização do Largo do Paço (1878), e muitas obras para outros municípios, como, por exemplo: duas praças em Valença, duas em Nova Friburgo, jardins em Cantagalo, Petrópolis, e em muitas fazendas de café, como Secretário, em Vassouras, Santo Antônio, em Valença, Paraíso e São Policarpo, em Rio das Flores, etc.

Glaziou foi nomeado inspetor dos Jardins e Parques Municipais, sem receber vencimentos. Em 1895 foi nomeado botânico da Comissão Cruls e, em 1897, aposentado como diretor dos jardins. Retirou-se para a França e não mais retornou, lá falecendo em 30 de abril de 1906.

Glaziou introduziu no Brasil os jardins de feição romântica e traçado irregular, dissimétrico. Introduziu no Brasil muitas espécies vegetais estrangeiras, mas soube valorizar a flora nacional, empreendendo pesquisas que descobriram muitas plantas novas, inclusive uma palmeira que depois recebeu o nome de "Glaziova". Foi um dos primeiros botânicos a se preocupar com o ecossistema, procurando introduzir animais nos jardins públicos, idéia que pôde empreender com sucesso na Floresta da Tijuca, onde dedicou a maior parte dos 51 anos vividos no Brasil. Roberto Burle Marx considerou-o o maior paisagista do século XIX.

#### ARQUIVO NACIONAL - ANTIGA CASA DA MOEDA - CAMPO DE SANTANA

Com a descoberta de ouro em Minas Gerais, fez-se necessário a transferência da Casa da Moeda da Bahia para o Rio de Janeiro, o que se deu ainda em 1699. Foi então instalada num sobrado da rua Direita, onde hoje está o prédio do Centro Cultural do Banco do Brasil. Em 1743, foi para o edifício do

Paço, donde saiu em 1808 para a rua da Lampadoza, num casarão onde depois funcionou o erário régio.

Com a extinção da Casa da Moeda da Bahia em 1834, resolveu o Governo Imperial centralizar essa função no Rio de Janeiro, impondo-se para isso, instalações mais amplas que as existentes. Para essa tarefa foi incumbido o engenheiro brasileiro Theodoro Antônio de Oliveira, tendo sido iniciadas as obras a 02 de dezembro de 1858, durando dez anos. É uma imensa construção em estilo neoclássico, apresentando no centro um pórtico avançado, com dupla colunata de cantaria em ordens dórica e jônica. Para os lados, vêem-se janelas de verga em arco pleno a que correspondem no sobrado outras tantas janelas com verga reta. O conjunto foi inaugurado a 13 de setembro de 1868, com uma exposição nacional de produtos industrializados.

Funcionou a Casa da Moeda regularmente por mais de cem anos neste local, sendo transferida em 1970 para o parque industrial de Santa Cruz, ocupando modernas instalações que atingem 100.000m<sup>2</sup>. Ficou o belo palacete neoclássico ao abandono por vinte anos, até quase cair em ruínas, quando então foi permutado com o Ministério da Justiça, passando a abrigar o Arquivo Nacional, quando era dirigido pela operosa Celina Moreira Franco (hoje Amaral Peixoto). Está sendo restaurado aos poucos.

O prédio é tombado pelo IPHAN.

Milton de Mendonça Teixeira.